

## SENTIMENTOS DE USUÁRIOS DE CAPS FRENTE AO CUIDADO EXTRA-HOSPITALAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

**MARIANI, Pauline Eloíse<sup>1</sup>; BIERHALS, Augusto Cortellini<sup>2</sup>; FRANCHINI, Beatriz<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, 7º semestre, pii902@hotmail.com

<sup>2</sup>Acadêmico de Farmácia e Bioquímica da Universidade Católica de Pelotas, 5º semestre, gutumn@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestre em Saúde Pública. Professora Assistente da Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Enfermagem, orientadora, beatrizfranchini@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade os portadores de transtornos mentais sofrem com as mudanças no tratamento de suas psicopatologias, bem como a reorganização de valores sociais e culturais. Junto com essas problemáticas vem também o processo de cuidado realizado de várias modalidades, entre elas a reclusão do indivíduo por meio da criação de manicômios.

Segundo Mostazo (2003) o tratamento nos hospitais psiquiátricos tinha o objetivo de suprimir a loucura, pelo processo de exclusão do indivíduo da sociedade, julgando necessário para o tratamento e reabilitação ficar fora de seu convívio social. Com essas limitações ficaram submetidos a condições sanitárias extremamente precárias, e regime brutal de autoridade e condicionamento de horários.

Na proposta da Reforma Psiquiátrica Brasileira, o modelo asilar dá lugar a um novo conceito, o de atenção psicossocial e de desinstitucionalização que visa à reintegração social dos indivíduos antes internados, promovendo liberdade de território e principalmente a não exclusão da sociedade e ambiente familiar. Segundo o Ministério da Saúde, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), são considerados dispositivos estratégicos para a organização da rede de atenção em saúde mental, que visam o resgate das potencialidades dos usuários que o freqüentam (BRASIL, 2005).

Conforme afirma Caramatta (2008) novas propostas de serviços como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), a equipe de saúde mental deve abandonar a tradicional abordagem à família - culpabilização, vitimização, cumplicidade e de meros informantes - para uma nova postura, também como protagonista no processo de reforma da atenção em saúde mental. Isso mostra a importância dos familiares acompanharem e estarem cientes do que acontece com seu ente dentro desses serviços, bem como a realização concreta de Projetos Terapêuticos Individuais que propicia atuação integrada da equipe considerando propostas de condutas terapêuticas para serem realizadas na singularidade do usuário ou no coletivo com a presença da família.

Para tanto, Kantorski (2008) afirma que a concepção do trabalho em equipe interdisciplinar introduzida com as mudanças preconizadas, as noções de acolhimento e de escuta terapêutica, os planos terapêuticos individualizados, a reabilitação psicossocial, entre outros, têm exigido uma requalificação e expansão dos papéis profissionais do enfermeiro na prestação do cuidado em saúde mental.

A loucura não é um fenômeno exclusivamente individual leva à inclusão da família e do grupo ampliado, requerendo como meio de trabalho a equipe interprofissional visando uma ação integral ao sujeito (KANTORSKI, 2008).

Destaca-se então a necessidade da equipe multiprofissional estar apta e ciente da necessidade de mudança do olhar sobre esses usuários, pois muitos desses

trabalhadores já vêm com experiências dos hospitais psiquiátricos e precisam de educação permanente quanto ao cuidado e intervenção.

Este relato de experiência tem por objetivo expressar os sentimentos dos usuários de um CAPS numa cidade do sul do Rio Grande do Sul acerca de do cuidado extra-hospitalar sob a ótica de uma acadêmica de Enfermagem.

## 2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Os métodos empregados para este relato de experiência foram a observação participante durante o estágio curricular do componente Unidade do Cuidado na Atenção Básica II no primeiro semestre de 2011 e leitura de artigos como embasamento teórico, buscados nos bancos de dados *Lilacs*, *Scielo* e *Pubmed*. Como descritores foram utilizados as palavras: CAPS, saúde mental, manicômios, percepção, familiares, equipe multiprofissional e sentimentos. Foram lidos artigos que mencionavam sobre as relações dos usuários de CAPS, sentimentos frente à desospitalização, equipe multiprofissional e Reforma Psiquiátrica.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o estágio no CAPS, percebemos como os usuários interagem entre si, como se sentiam a respeito “do estar em liberdade”, e principalmente o relato de tratar-se fora do ambiente hospitalar e a família envolvida em seu tratamento.

Enquanto realizávamos atividades nas oficinas terapêuticas, dialogamos com vários usuários, e perguntei sobre seus sentimentos a respeito de estarem freqüentando o CAPS, a convivência familiar, fazerem suas próprias escolhas, realizar tarefas diárias e como estavam sendo tratados no serviço.

As respostas foram quase todas unânimes, mostravam-se felizes e diziam que o CAPS era o melhor lugar para tratarem sua psicopatologia, que podiam ficar perto da família, ter seus próprios horários. Relataram que eram muito bem recebidos, tinham a atenção da equipe multiprofissional, podiam conversar expressar seus sentimentos acerca de seus medos e dúvidas sobre o tratamento.

Os temas que se destacaram durante as conversas foram a despreocupação em relação à internação manicomial, o sentimento de liberdade e o convívio no ambiente familiar. Segundo Mielke (2009) as relações sociais que se desenvolvem no interior do hospital psiquiátrico são dominantes, evidenciando a hierarquia, subordinação, exclusão, expropriação do saber e a divisão do trabalho e dos saberes em especialidades. A implantação do modelo psicossocial tem o objetivo de reinserir o portador de transtorno psíquico em suas atividades diárias, tornando possível a interação com a família e comunidade em geral.

As práticas terapêuticas que visam à reabilitação do indivíduo em sofrimento psíquico resgatam um trabalho com características coletivas que prevê intervenções multidisciplinares que incluem a participação da família e do indivíduo (KANTORSKI 2008).

Enquanto a equipe multiprofissional utiliza as oficinas terapêuticas, psicoterapias, acolhimento, atividades de lazer e mesmo as práticas individuais (como psicofármacos, consultas entre outros), ela torna o usuário um ser social, aumentando as chances de reinserção na comunidade e potencializa ao mesmo usuário, incentivo de voltar ao cotidiano antes vivido.

Citando Ribeiro (2009) ela afirma que os profissionais tornam-se referência de algumas pessoas que frequentam a instituição para pensar, juntamente com elas, seu percurso de tratamento. Cabe à equipe traçar um projeto terapêutico condizente com as necessidades de cada indivíduo, auxiliar no estabelecimento dos laços

comunitários, bem como na criação de uma rede familiar e social. Ou seja, reside na criação de um contorno para cada usuário a principal tarefa da instituição.

Deve-se apoiar e encorajar esta forma de cuidar dos usuários portadores de transtornos mentais, isto é, dar suporte e assistência para estarem junto da família e comunidade, sendo cuidados por trabalhadores capacitados.

#### 4. CONCLUSÃO

Com base na experiência adquirida e leitura dos artigos, considero que a Reforma Psiquiátrica e implantação do modelo de desinstitucionalização trouxe para os portadores de sofrimento psíquico uma nova perspectiva de tratamento, visando uma maior interação com a família, ambiente e sociedade. Buscando promover a saúde com práticas interdisciplinares e cuidado individual.

#### 5. REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégias/Departamento de Atenção Básica. Saúde Mental e Atenção Básica: o vínculo e o diálogo necessários. Coordenação de Saúde Mental e Coordenação de Gestão da Atenção Básica. Brasília, n. 1, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Reforma Psiquiátrica e Política de saúde mental no Brasil. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

CAMATTA, Marcio Wagner; SCHNEIDER, Jacó Fernando. O trabalho da equipe de um centro de atenção psicossocial na perspectiva da família. **Revista Escola Enfermagem USP**, v. 43, n. 2, p, 293-400, 2009.

KANTORSKI, Luciane Prado; MIELKE, Fernanda Barreto; TEIXEIRA JUNIOR, Sidnei. O trabalho do enfermeiro nos centros de atenção psicossocial. *Trab. Educ. Saúde*, v. 6 n. 1, p. 87-105, 2008.

MIELKE, Fernanda Barreto; KANTORSKI, Luciane Prado; JARDIM, Vanda Maria da Rosa; OLSCHOWSKY, Agnes; MACHADO, Marlene Silva. O cuidado em saúde mental no CAPS no entendimento dos profissionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, n. 1, p. 159-164, 2009.

MOSTAZO, RR; KIRSCHBAUM, DIR. Usuários de um centro de atenção psicossocial: um estudo de suas representações sociais acerca de tratamento psiquiátrico. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 11, n. 6, p.786-791, 2003.

RIBEIRO, Alessandra Monachesi. A idéia de referência: o acompanhamento terapêutico como paradigma de trabalho de um serviço de saúde mental. *Estudos da Psicologia, Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos*, v. 14, n. 1, p.77-83, 2009.